

Título Evento: Análise swot do ensino superior português: oportunidades, desafios, e estratégias de qualidade

Tipo de Evento e promotores (Conferência/Seminário/Jornadas/etc.): Encontro promovido pelo GT2, no âmbito da CS I I (IPQ)

Data: 13 novembro 2013

Local: IPAM, Porto

Participante(s) da AEP/NEP: Marta Pile, Alexandra Pontes, Carla Patrocínio

Programa: na pasta da [AEP](#)

Endereço web do evento:

Informações complementares: colocar na [pasta do servidor da AEP](#) caso existam ficheiros/informação adicional de interesse: flyer e comunicações

Notas:

Sessão de Abertura

Professor Doutor Ferrão Filipe, Presidente IPAM e membro da direção da APESP

Boas vindas, reforçando que a Qualidade tem que ser central na gestão das escolas: "nunca deixemos de atrapalhar"

Eng.º Ricardo Fernandes, Direção do IPQ

Agradeceu ao IPAM a disponibilização das instalações, à presidente da CS I I e a todos os elementos do da CS I I e do GT2 o trabalho que esta comissão tem desenvolvido ao longo dos anos.

Dia 22 de novembro será celebrado o dia mundial da Qualidade, que reflete as atuais tendências que cada vez mais apontam para a colaboração entre entidades, públicas, privadas, etc.

Relembrou os objetivos do encontro: partilhar os resultados da análise swot desenvolvida pelo GT2 e discutir eventuais sugestões de melhoria para as IES (oportunidades, desafios e estratégias de qualidade).

Eng.ª Teresa Guimarães, CITEFORMA e Presidente da CS/11

Referiu a importância deste encontro para o caminho da educação da qualidade em todas as dimensões do ser humano.

Referiu que o GT2 é um grupo muito ativo e que estes encontros reforçam a partilha entre as Instituições de Ensino Superior que poderão ser úteis na redefinição das suas estratégias.

O Encontro tem 2 momentos: um primeiro em que o GT2 vai apresentar a análise SWOT e um segundo momento em que serão abordadas três grandes oportunidades identificadas nesta análise SWOT.

ANÁLISE SWOT - GT2

Professora Doutora Margarida Mano – Vice-Reitora da Universidade de Coimbra

Agradeceu a dinâmica do GT2, com especial relevo para o esforço da sua Coordenadora.

Referiu que esta análise SWOT se pretende uma análise consensual e conjunta de todos os representantes das diversas IES. Que foi elaborado um plano de trabalho para o ano 2013 e que foram constituídos dois subgrupos de trabalho: um de Instituições de ensino superior público e um outro de Instituições de Ensino Superior privado. Esta foi uma escolha feita com a consciência de inerentes perdas e ganhos, tentando minimizar as perdas com a promoção de permanentes momentos de reflexão conjunta de todo o grupo.

A metodologia utilizada englobou sessões no âmbito do grupo, convidados externos para participar em sessões da CS I I, e inquéritos.

Num 1º momento analisou-se o ambiente externo, com um debate muito intenso e rico, contemplando as IES na sua complexidade e sonhos nas diversas vertentes: ensino, investigação, recursos humanos,

etc.

Na análise do ambiente externo procurou-se identificar ameaças e oportunidades: durante vários meses foi-se desenvolvendo um trabalho no âmbito dos subgrupos formados, discutindo, refletindo e aproveitando uma sessão plenária da CSII para discutir em conjunto, num ambiente mais alargado. Relativamente ao ambiente interno, a preocupação foi a de identificar pontos fortes e fracos e este trabalho foi o mais difícil pois as instituições são necessariamente diferentes e têm, por isso, contextos e pontos fortes e fracos, também, diferentes.

Depois destas análises surgiu a identificação de sugestões, numa sessão plenária de *brainstorming*.

O enriquecimento da análise SWOT foi feito auscultando os estudantes das diversas instituições representadas no GT2 e numa sessão alargada à CSII.

Espera-se que deste encontro surjam reflexões que possam ajudar a enriquecer a matriz das ações - sugestões.

AMBIENTE EXTERNO - OPORTUNIDADES E AMEAÇAS

Professor Especialista Henrique Pires - Diretor de Qualidade, Avaliação e Acreditação do IPAM

O ambiente externo: ameaças e oportunidades

Este orador apresentou os resultados da análise swot: ambiente externo, ameaças e oportunidades, contextualizando os resultados com base nalguns dados sobre o Ensino Superior: envelhecimento da população portuguesa, escolaridade e formação, abandono escolar, rede do ensino superior, taxas de ocupação das vagas no ensino público e privado, matrículas, novos mercados, etc, terminando com a apresentação dos resultados das oportunidades e ameaças.

AMBIENTE INTERNO - PONTOS FORTES E FRACOS

Professora Doutora Cristina Pinto da Silva – Vice-Presidente do Instituto Politécnico do Porto

Da apresentação dos pontos fortes e fracos encontrados, resultou a perceção de que alguns tópicos da análise swot deveriam ser “desambiguados”, pois a sua formulação não estava suficientemente clara, dando azo a dúvidas de interpretação. Foi sugerido no debate: fazer uma referência bibliográfica aos documentos distribuídos pelo grupo aquando da elaboração deste trabalho, incluindo fontes web, rever na área da internacionalização, referência aos países de língua oficial portuguesa (que parecia estar limitado aos PALOP, apesar de nas sugestões de melhoria tal não se verificar), esclarecer o que se entendeu por desvalorização dos diplomas (pela sociedade), entre outras.

Por outro lado, foi sugerido também que se enquadrasse a análise swot em objetivos que ajudassem a clarificar o trabalho desenvolvido.

ESTRATÉGIAS DE QUALIDADE

• Governança

Professor Doutor Júlio Pedrosa

Começou por afirmar que a melhoria do ensino superior – a sua qualidade – tem por base uma boa governança, pelo que começou por esclarecer o significado do termo: O que se entende? Que escolhas? Que objetivos/missão?

Foi referido um documento muito útil nesta matéria: “To sustain a learning society” - Dearing Report, 1997 (<http://www.leeds.ac.uk/educol/ncihe/>) – em que são definidas 4 missões para as IES.

Foi ainda referido que, para a definição de um rumo para as instituições, há que ter em conta as tendências internacionais, os problemas e desafios de hoje, tais como a demografia, o emprego, o papel do estado, a transparência, a regulação e a garantia de qualidade, a governança da rede de ensino superior, as funções dos órgãos de gestão, etc.

“É fundamental para bem governar saber bem o que se quer: metas, estratégias para as atingir, meios, e é fundamental que essa governança seja participada”.

Mais informações em “Novo Modelo de Governança e Gestão das Instituições de Ensino Superior em Portugal” (Julho 2012) de Júlio Pedrosa (Coord.), Hália Santos, Margarida Mano e Teresa Gaspar

• Parcerias no Ensino Superior

Professor Doutor Fernando Seabra Santos

Foi referida a importância da definição de um quadro regulamentar minimamente estabilizado e que infelizmente o nosso sistema de ensino superior esta desregulado...

Foram referidas algumas incongruências, pelo menos aparentes, na análise swot efetuada, tais como: Bolonha por um lado aparece como ponto forte permitindo currículos flexíveis, mas sabemos que na prática essa consolidação não está a funcionar, não permitindo atingir os objetivos de mobilidade que tinha subjacentes.

Outra aparente incongruência: a investigação é forte, mas aparece a investigação multidisciplinar como fraca. É preciso esclarecer.

Outra ainda: a ligação à sociedade é forte ou fraca? Esta referida nos dois quadrantes de formas diferentes.

Foi ainda referido como ponto forte o modelo de governação, mas aceita-se que existe alguma desarticulação interna, como por exemplo a excessiva prevalência do Prof. Catedrático, e a prevalência das faculdades face à universidade como um todo.

Por fim, referiu-se que se considera que o modelo atual de governação (limitado pelo RJIES) tem falhas ao nível da gestão participada: o modelo atual é deficitário em termos da participação de alunos e não docentes.

• Redes e Cidadania

Dra. M^ª Graça Gonçalves Neto

Dra. Helena Maria Areias

Fundadora da Associação de paralisia cerebral de Coimbra, a primeira oradora trouxe alguma informação sobre a realidade de atuação desta instituição: que existem 10 por cento de pessoas deficientes a nível mundial, que 1 em 4 europeus tem um familiar com deficiência, etc.

Questiona-se: o que é preciso fazer para estabelecer uma rede mutuamente benéfica, em que as universidades são fundamentais?

Informou sobre as metodologias de trabalho utilizadas por esta associação, que incluem: think tank, trabalho de equipa, *benchmarking*, envolvimento dos *stakeholders* (empendedorismo social), equilíbrio entre objetivos e a realidade financeira.

Nos vários exemplos de projetos apresentados, o mais relevante continua a ser: ouvir os *stakeholders* e incorporar as suas opiniões e expectativas no planeamento do trabalho futuro.

A segunda oradora, apresentou um trabalho mais teórico, no âmbito do seu doutoramento, sobre redes. Intitulada “Redes e Cidadania: trilhos de futuro no ensino superior”, a autora abordou o conceito de rede, redes organizacionais e cidadania, vantagens e desvantagens, e perspetivas futuras no ensino superior, referindo os vários modelos possíveis e necessários conforme as situações/objetivos da instituição.